



Chrys Chrystello*

Da reescrita e sanitização da língua e mente

Todos os dias vejo anúncios sobre a reescrita de livros (não pelos autores, já todos mortos) mas por polidores de mentes politicamente corretos que pretendem polir ideologicamente os textos para que sejam aceites pelos seus constituintes. Palavras como feio, negro, gordo, pequeno, serão polidas.

Os livros 007 de Ian Fleming vão perder o seu herói machista substituído por uma heroína e homossexuais a contrastar com a aquilo a que a saga nos habituou em mais de meio século. Este novo tipo de censura, mais apropriado às hostes de Donald Trump ou Bolsonaro, levou a que várias universidades nos EUA tenham banido livros (em vez de os reescreverem).

Em breve, tudo aquilo de que gosto será ilegal, perigoso, aditivo, imoral, demasiado inacessível, impossível, desaconselhado e eu terei de me precaver para não ficar sujeito a um qualquer comité da verdade orwelliana, pois como todos sabem $2+2=5$ se o partido quiser.

Esta febre da reescrita que vem acompanhada da aberração da linguagem neutra (adotada nesta nova era brasileira) que dá uma noção de falsa segurança aos inseguros que a praticam. Modismos destes são bem indispensáveis numa altura em que a língua de todos nós é vítima de maus tratos e negligência por todos os que a mal sabem utilizar. Poucos se preocupam e muitos são arrebatados nesta onda.

Outra cena que me chocou foi ver o Lucky Luke sempre de cigarro descaído no canto da boca, agora sanitizado com uma flor em vez do cigarro. Ridículo. E eu que recentemente deixei de fumar por força de imponderáveis de saúde, terei de rever milhares de fotos minhas em que apareço a fumar e substituir o cigarro por algo inócuo e que não ofenda ninguém, o que é difícil. Tudo o que se diz hoje em dia tem a

capacidade inaudita de ofender milhares, ou mesmo milhões de pessoas. Mesmo calados podemos ser acusados de estar a pactuar seja lá com o que for.

E livremente de reescrever os meus livros pois prefiro não ser lido a que me leiam numa escrita que não é a minha

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713



Município assume compromisso de expandir o legado de Natália Correia

O trabalho de projecção do pensamento e legado de Natália Correia promovido pela Câmara Municipal de Ponta Delgada será prolongado nos próximos anos e para além do colóquio comemorativo do centenário do nascimento de Natália Correia, cujos contributos dos estudiosos e especialistas participantes resultarão em livro, anunciou o vereador Sérgio Rezendes.

A novidade foi avançada na sessão de encerramento do colóquio comemorativo do centenário do nascimento da escritora micalense que decorreu no Auditório Municipal Natália Correia, justamente num dia que serviu também para assinalar os 30 anos do seu falecimento.

“Usurpo mesmo as palavras de Natália ao afirmar que também a mim “A Morte de Memória preocupa-me”, comprometendo-me – à semelhança de todos os que aqui estão - de que o seu papel perdurará enquanto poetisa e exemplo de vida a todas as gerações”, assegurou o autarca, solicitando a todos os presentes o posterior encaminhamento das actas e comunicações realizadas durante o colóquio.

Num discurso onde não esqueceu a forma como as reminiscências de



infância da poetisa micalense serviram para alimentar o “fogo e a excepcionalidade” do seu próprio trajecto literário, artístico e político, Sérgio Rezendes enquadrando ainda Natália Correia no contexto da história contemporânea dos Açores e restante território português.

“Em resumo, Natália Correia acom-

panhou praticamente a História do século XX nos Açores, sendo espectadora e interveniente em Portugal e no mundo, em profundas mudanças sociais pelo seu relevante papel na Política, na Cultura, na Arte e na Sociedade, tornando-se um modelo de vida para todos nós”, enfatizou, revisitando e enaltecendo os testemunhos dos

peritos e investigadores literários que dissecaram a obra e o lugar no tempo “de tão honrada poetisa”, ao longo dos três dias do colóquio.

Enquanto leigo na matéria, prosseguiu, “não me surpreendo pela visão cosmopolita e de vanguarda de Natália Correia, expressa nas comunicações de Eduardo Ferraz da Rosa; João de Melo; Vamberto Freitas e Diniz Borges”, disse, numa intervenção que não esqueceu a forma como as múltiplas dimensões da “escritora e musa artística” foram também exploradas por António Vilhena, Henrique Levy, José Enes, Anselmo Borges, Victor Meireles, Filipa Borges e José de Almeida Mello. “Relevo ainda o que foi referido pela sua dimensão empírica e mística das ilhas, reflectida numa dimensão artística, associada, por exemplo, ao surrealismo, e outros ismos, bem patente nas apresentações de Armando Rosa, José Manuel Anes; Luís Filipe Sarmiento, Ângela Almeida, Eduíno de Jesus, Elisa Costa Pinto e Fernando Da Costa. Enquanto açoriano e micalense, em nada me surpreende o papel de Natália Correia no mundo, aliás como muito bem Álamo de Oliveira nos deu a conhecer”, reforçou o autarca.